

39  
**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ARQUEOLOGIA DE CONTRATO –  
EXPERIÊNCIA NA ÁREA DA LT 500 KV NEVES1 – MESQUITA –  
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA (MG)**

**Manuelina Maria Duarte Cândido**

Historiadora, Arqueóloga, Especialista em Museologia

**Resumo:**

Apresentamos e analisamos uma experiência de educação patrimonial em um trabalho de Arqueologia de contrato na área da LT 500Kv Neves-Mesquita em Minas Gerais. De acordo com a legislação brasileira, obras de engenharia que irão impactar sítios arqueológicos devem promover o resgate dos sítios e a sociabilização dos resultados das pesquisas e dos acervos produzidos. Esta experiência com duas escolas de Santa Luzia, no estado de Minas Gerais, fez parte do conjunto de ações da Scientia Consultoria Científica para o cumprimento desta legislação e valorização do patrimônio cultural.

**Palavras-chave:**

Educação Patrimonial – Arqueologia – Patrimônio Cultural

**Abstract:**

We present and we analyze an experience of heritage education in a work of contract Archaeology in the area of the LT 500Kv Neves-Mesquita in Minas Gerais (Brazil). According with the Brazilian legislation, engineering works that will go to impact archaeological sites must promote the rescue of the sites and the social devolution of the results of the research and the artifacts collected. This experience with two schools of Santa Luzia, in the state of Minas Gerais, was part of the actions of the Scientia Consultoria Científica for the fulfillment of this legislation and valuation of the cultural heritage.

**Keywords:**

Heritage Education – Archaeology – Cultural Heritage

## APRESENTAÇÃO

No Brasil, toda Arqueologia é pública. Embora exista uma corrente internacional da Public Archaeology, podemos dizer que no Brasil nem seria necessário esta ênfase, já que a própria Constituição garante que o patrimônio arqueológico é de todos e que todos devem ter acesso às fontes da cultura nacional e a publicização de acervos e resultados de pesquisas arqueológicas faz parte das obrigações éticas e legais dos arqueólogos. Porém, a realidade mostra que isto não se dá na prática e diversos trabalhos apontam para a não incorporação das fontes arqueológicas às interpretações da cultura brasileira (BRUNO, 1995) e para o papel coadjuvante da Arqueologia nas instituições museológicas brasileiras (SHWARCZ, 1989; BRUNO, 1995; LOPES, 1997; CHIARI, 2001; SILVA, 2008), além da restrita divulgação dos resultados das pesquisas arqueológicas, que muitas vezes se limita à comunidade científica (MARTINS, 2000) e não contribui para atenuar a visão distorcida da Arqueologia pelo público em geral (CÂNDIDO, inédito).

Esforços magistrais como o de Paulo Duarte (ALCÂNTARA, 2007) propiciaram-nos uma legislação bastante rigorosa no que diz respeito à proteção do patrimônio arqueológico. O refinamento deste pensamento tem chegado à garantia, inclusive, das etapas de extroversão imediata dos resultados das pesquisas de salvamento arqueológico, embora ainda haja um vácuo no que diz respeito a ações de longo prazo posteriores ao depósito dos acervos nas instituições de endosso.

Este texto diz respeito às atividades de educação patrimonial realizadas pela empresa Scientia Consultoria Científica no âmbito dos trabalhos de Arqueologia preventiva ao longo da Linha de Transmissão 500 Kv Neves1-Mesquita (MG), realizadas no mês de setembro de 2008 no município de Santa Luzia, com enfoque principal nas duas escolas mais próximas ao sítio arqueológico que teve intervenção de salvamento devido aos impactos que seriam decorrentes da implantação da torre 86 da referida obra.

As escolas selecionadas pelo critério de proximidade com o sítio arqueológico mencionado foram a E. M. José Luiz dos Reis e E. E. Pe. João de Santo Antônio, com respectivamente 123 e 310 alunos, sendo aquela de 1ª a 4ª séries e esta de ensinos Fundamental e Médio, e Ensino de Jovens e Adultos.

## METODOLOGIA

Inicialmente pensamos em preparar materiais e atividades tendo como público-alvo principal estudantes de 3ª e 4ª séries, que estariam presentes em ambas as escolas. Sentimos também necessidade de pensar uma orientação para os professores, mas havia uma limitação no material gráfico, que deveria ser um só, com quatro páginas.

Planejamos a elaboração de uma cartilha e a construção de um terrário com diferentes tipos de sedimento e de materiais enterrados para uma simulação com os alunos, das etapas do trabalho do arqueólogo em campo e em laboratório. Além disso, buscamos nos contatos com as escolas para agendamento, reservar um tempo de formação dos professores para que eles se familiarizassem com o tema e com a metodologia, para atuarem como multiplicadores depois de nossa estada em campo, pois os terrários e demais materiais para a aplicação seriam doados às escolas, bem como tiragem de cartilhas suficientes para todos os alunos, apesar de podemos aplicar apenas experiências-piloto com pequenos grupos.

Tivemos o desafio de fazer uma intervenção de educação não-formal em espaços e estruturas da educação formal, o que levou à necessidade de adaptação do que pretendíamos e, especialmente, do cronograma previsto, para as possibilidades e disponibilidades das escolas em pleno percurso letivo. A educação não-formal envolve conteúdos como conhecimentos relativos às motivações, à situação social e à origem cultural, entre outros, caracterizando-se pela ampliação do universo referencial dos indivíduos com vivências, experiências e repertório, situações estas que envolvem o encontro de gerações. Outros aspectos são a inexistência de obrigatoriedade e flexibilidade de tempos e espaços em que ocorre, sem que haja órgãos reguladores, mesmo que seja usada de forma a enriquecer a educação formal.

O que tentamos foi oportunizar o contato das escolas selecionadas com a experiência de uma ação educativa voltada para o patrimônio arqueológico, que costuma ser um conteúdo ausente nos programas disciplinares, apesar de sua relevância. Tivemos ainda o desafio de conciliar o cronograma ágil da educação patrimonial prevista no contrato de Arqueologia preventiva com as possibilidades reais das escolas abraçarem novas propostas não previstas em seus planejamentos e encaixarem as atividades em seus apertados programas.

A ação educativa desenvolvida está alinhada com propostas para a educação definidas em 1996 pela UNESCO, quais sejam: “*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver junto.*” (Delors, 1996)

A experiência de educação não-formal pode ser bastante singular para a vivência destes aprendizados, e acreditamos que alcançamos tocar estas questões tanto dando a conhecer os conteúdos básicos sobre patrimônio arqueológico como proporcionando atividades práticas que levaram os alunos a experimentarem o fazer arqueológico (referenciado em metodologias de Arqueologia Experimental, bastante usadas por arqueólogos em seu exercício profissional), e ainda proporcionando aprendizados que extrapolam o conhecimento de conceitos, mas que contribuem para a formação permanente do indivíduo (mudança de atitude em relação à valorização do entorno, da cultura local, dos saberes populares) e momentos de socialização e trabalho conjunto.

Logicamente percebemos que uma ação pontual tem pouco alcance e por isso buscamos sensibilizar os professores a darem continuidade ao trabalho como multiplicadores e a terem eles mesmos um olhar que apreendesse mais as potencialidades do patrimônio cultural para a educação da relação dos seus alunos com o mundo em que vivem.

A educação patrimonial não se limita a atividades vinculadas ao público escolar, mesmo quando ele é uma das prioridades, apresentando possibilidades para a formação do educando por meio do contato direto com as referências culturais (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999). Contribui, assim, para a educação dos sentidos, entendidos como formas de acesso e relação com o mundo que acontecem não só na fruição artística, mas no cotidiano, e para cuja sensibilização não somos preparados, pois a rotina diária carrega no consumo rápido e desprovido de tempo para desfrutar e refletir a respeito. O tempo de aplicação da proposta nas escolas considerou que nosso público educando era não apenas formado por alunos mas professores, diretores e todos aqueles com quem pudemos ter algum contato e diálogo sobre o patrimônio cultural.

Para apresentação e análise das atividades propostas seguiremos os seguintes tópicos:

- Elaboração de material didático;
- Planejamento de terrários para simulação de escavação;
- Contato com escolas e agendamento;
- Formação de professores;
- Montagem dos terrários;
- Aplicação das oficinas com alunos;
- Entrega às escolas de CDs com registros das atividades e materiais de apoio;
- Contatos com outras instituições e distribuição do material de divulgação.

### **Elaboração de material didático**

O grande desafio na hora de criar um produto visual, principalmente com fins educativos é o de convergir suas características gráficas, com textos, imagens e diagramação, para um produto que seja atraente, de fácil leitura e que possa remeter a novas discussões. O *folder* didático teve o intuito de informar sobre as pesquisas realizadas o longo da Linha de Transmissão Neves1-Mesquita, os sítios identificados, o patrimônio cultural (conceito abrangente, tentando integrar aspectos naturais, materiais e imateriais), a forma como o arqueólogo pesquisa e como estes elementos podem informar sobre outras formas de contar a nossa história.

Suas características foram adaptadas para uso durante e após a atividade de educação patrimonial realizada pela Scientia. Por isso foram criados dois grandes níveis de leitura, diferenciados pelo conteúdo do texto, sua localização, tamanho e tipo de fonte. A primeira para o público infanto-juvenil e a segunda para o público adulto e docente.

Para o público direto, o infanto-juvenil, foram utilizadas as seguintes características:

- Prioridade no uso do espaço, com 3/4 da área do *folder*;
- A principal área utilizada foi o miolo, com linhas azuis horizontais e paralelas imitando um caderno. Uma vez aberto, o *folder* se torna um pequeno cartaz;
- O croqui realizado durante a prospecção de outro sítio arqueológico descoberto na mesma LT, com cores e desenho de bananeiras, foi utilizado na capa. A intenção foi a de atrair a curiosidade do leitor para a descoberta do conteúdo;
- A fonte utilizada imita a escrita manual. Como havia tópicos e conteúdos explicativos, sua diferenciação foi feita pela cor e pelo próprio tamanho do texto;
- As imagens utilizadas tiveram a intenção de criar uma relação tempo/tecnologia para o mundo em que o homem viveu e vive, bem como para mostrar que o patrimônio possui diversas formas de expressão, materiais e imateriais. Além disso, que pode ser relativo a diferentes temporalidades. Com esta idéia, a receita do queijo foi utilizada para ilustrar um patrimônio imaterial, um conhecimento local, passado por gerações e bastante difundido em todo o Brasil.
- Foram fornecidas informações sobre o sítio descoberto em Santa Luzia (Sítio Rio Vermelho), bem como suas características. E para melhor apreensão da importância dos pequenos fragmentos de cerâmica encontrados, mostrou-se como ele se "encaixava" em algo

real, um utensílio para armazenamento ou preparo de alimento (desenho com a possível localização do fragmento).

Para o público adulto e docente:

Uma vez que o *folder* didático seria distribuído entre os alunos e também entre professores, tivemos a preocupação em deixar algumas orientações de atividades que poderiam ser desenvolvidas no espaço da sala de aula e no cotidiano. Buscamos apresentar ao professor a possibilidade de trabalhar a questão do patrimônio cultural como conteúdo transversal, em diferentes disciplinas. Simultaneamente, destacamos a necessidade de conteúdos de diferentes disciplinas para os estudos do patrimônio cultural, que são eminentemente interdisciplinares.

A diferenciação desse tipo de conteúdo e leitor foi pensada a partir do uso de uma fonte mais formal e que não fosse tão "atrativa" aos olhos do primeiro público: a fonte arial. Além disso, seu tamanho é reduzido, a distribuição está em forma de tópicos e não foram utilizadas ilustrações.

Para fins de informações e contatos posteriores, a Superintendência do IPHAN mais próxima foi indicada.

Finalmente, fizemos a opção pelo papel reciclado, que acabou sendo bastante conveniente como ponto de conexão visual entre o material de educação patrimonial e de educação ambiental, pois foi o mesmo escolhido pela empresa Biodinâmica. Foi feita uma tiragem de 2.000 *folders* em Papel Reciclato 120g tamanho A3 aberto, com uma dobra, em 4x4 cores.





Fotos do *folder* didático – Fotos Manuelina Duarte

### Planejamento e montagem de terrários para simulação de escavação

As atividades de educação patrimonial para os alunos de escolas do entorno da LT Neves-Mesquita 500Kw foram configuradas como projeto de curta duração, e partindo disto seguimos o modelo proposto de Caldarelli<sup>1</sup>, acrescido de sugestões de Malerbi<sup>2</sup> para simular um sítio arqueológico e explicar o trabalho do arqueólogo.

Com este intuito, construímos duas caixas em MDF (placas industriais de compensado de madeira) com dimensões de 1,20m x 0,80m e com 0,40m de altura. Em uma das paredes de 1,20m das caixas foi instalado um vidro com 0,15m de largura 0,40m de comprimento para evidenciar a estratigrafia do solo contido nas caixas.

O simulador ou terrário foi montado em 4 camadas de solo e sedimentos, diferenciados e dispostos por coloração, textura, assim como diferentes granulometrias, a fim de passar a noção de estratigrafia do solo de um sítio arqueológico com mais de uma ocupação pretérita. Para o material arqueológico, enterramos na camada mais profunda o pretense material pré-histórico: “material lítico” constituído por seixos, lascas e artefatos de pedra produzidos de forma experimental, sendo algumas lascas e seixos achatados, com material em quartzito, semelhante ao encontrado no Sítio Rio Vermelho. Em uma camada intermediária foram colocados cacos de cerâmica (comprada e quebrada em formatos distintos), sendo usados dois

<sup>1</sup> Doutora Solange Caldarelli – Diretora Scientia Consultoria Científica.

<sup>2</sup> Historiadora Eneida Malerbi – Consultora de Educação Patrimonial da Scientia Consultoria Científica.

modelos de potes, um maior e outro menor. Foi deixada uma camada estéril, sem fragmentos de artefatos. E, por fim, na camada superior, cacos de louça (também comprada e quebrada), representada por jogo de xícara com pires e uma pequena travessa, todas as peças com detalhes decorados em azul e branco ou em rosa e branco. Dentre os pretensos materiais arqueológicos, não colocamos todos os fragmentos de uma mesma vasilha em cada terrário, pois trabalhamos posteriormente com a simulação de laboratório, aonde os alunos tentaram remontar as peças e ver que algumas estavam faltando. Também enterramos sementes diversas na camada alusiva aos ceramistas como referência à agricultura, e pequenas bolas de argila simulando o material base para confecção dos potes.

Foi adquirido para cada escola um conjunto completo de materiais que foram usados na aplicação das atividades e depois ficaram para a escola continuar, compostos por baldes, pás, peneiras, trenas, elástico, pranchetas, blocos de papel milimetrados, sacos plásticos, ábacos, paquímetros de plástico, lápis, borrachas brancas, canetas hidrográficas e esferográficas, caixas de lápis de cor e papel A4 branco.

### **Contato com escolas e agendamento**

Para aplicação das atividades de educação patrimonial contactamos por telefone as duas escolas indicadas pela empresa Biodinâmica, responsável pelas atividades de educação ambiental, como sendo as duas mais próximas da linha de transmissão no município de Santa Luzia. Partimos dos dados a seguir e contactamos os diretores a fim de agendar as atividades.

No momento do agendamento ficou evidente a diferença de disponibilidade entre as duas escolas e, como foi dito anteriormente, procuramos flexibilizar para, sem descumprir nosso cronograma, evitar uma intervenção inadequada no planejamento das escolas. A E. M. José Luiz dos Reis apresentou uma série de questões que dificultava a aplicação da proposta no mês de setembro, devido a um planejamento bastante apertado, que já envolvia atividades extraordinárias como a Semana das Crianças, e demandas inesperadas vindas constantemente da Secretaria Municipal de Educação, referentes à aplicação imediata de novos projetos. Visto isto, a diretora e a supervisora justificaram a dificuldade em abraçar mais uma proposta feita fora do âmbito das escolas porque as da Secretaria já exigiam constantes ajustes imprevistos no planejamento do semestre, que se encontrava sem margem de manejo. Foi sugerido pela escola que a atividade pudesse ser realizada se incluída no planejamento de 2009, o que seria incompatível com o Programa de Arqueologia Preventiva da LT Neves1-Mesquita. Optamos



por apenas montar o terrário na escola, disponibilizar os *folders* didáticos e o material para aplicação das atividades de simulação da escavação e convidar seus representantes docentes para o treinamento a ser dado na outra escola. Com isto, disponibilizamos mais tempo para a E. E. Padre João de Santo Antônio, com a possibilidade de realizar a simulação de escavação com os alunos em quatro, ao invés dos dois horários previstos inicialmente.

Esta nova configuração permitiu pensar não em aumentar o número de turmas atendidas, mas em dividir os grupos de mais de 20 crianças em dois atendimentos, com metade da turma de cada vez, enquanto a outra metade ficava com outro professor. No decorrer da aplicação percebemos como foi essencial essa divisão para a qualidade da atividade e possibilidade de participação efetiva e mais organizada de todos os alunos.

É necessário destacar que foram essenciais os turnos que não estavam ocupados por aplicação da metodologia nas escolas para contatos com instituições locais e para a organização de aspectos práticos e logísticos da ação, considerando às vezes a dificuldade de comprar alguns materiais, de chegar às escolas afastadas, e especialmente, por se tratar de uma atividade extenuante para os educadores, que se envolvem física e intelectualmente e têm que remontar os terrários após o desempenho dos alunos. Com isso recomendamos que o agendamento não esgote todos os turnos sem deixar lacunas pois elas serão preenchidas pela própria natureza do trabalho.

### **Formação de professores**

Para esta atividade a E. E. Padre João de Santo Antônio reservou uma parte do turno da manhã do dia 23/10, a partir das 10h, horário em que os alunos foram liberados para os professores terem conosco o tempo solicitado, de 90 minutos.

O diretor solicitou a presença dos professores da tarde, mas poucos tiveram oportunidade de comparecer. Como ponto positivo, destacamos que contávamos com a presença apenas da supervisora da E. M. José Luiz dos Reis, mas a diretora também compareceu à formação.

Foram utilizados os primeiros 60 minutos em sala de aula para uma explanação com apoio multimídia e depois seguimos para a área de montagem do terrário, que foi acompanhada e registrada pelos professores que estiveram bastante envolvidos com o processo, aproveitando para tirar dúvidas. Na montagem usamos o tempo restante.

Na formação de professores usamos uma apresentação multimídia elaborada a partir de uma base já utilizada pela Scientia, com nossos acréscimos e alterações, retirando dados técnicos que haviam sido usados em apresentações para engenheiros e operários e outras ocasiões. Os temas trabalhados foram **Arqueologia: pressupostos e métodos. Atuação ao longo da LT Neves – Mesquita (MG)**

**1. Como pensa o arqueólogo?**

**2. Como trabalha o arqueólogo?**

**3. Como trabalha o arqueólogo em linhas de transmissão?**

**4. O que acontece depois que o arqueólogo acaba o campo?**

**5. E, finalmente...**

**6. O que se conhecia sobre a arqueologia da área atravessada pela LT, antes das prospecções arqueológicas realizadas?**

**7. Descobertas arqueológicas durante as prospecções na LT Neves-Mesquita.**

**8. O Sítio Rio Vermelho**

**9. Patrimônio arqueológico: a importância da parceria com a educação**

Além disto, foi apresentado *folder* didático, chamando a atenção dos professores para as possibilidades de relação entre seus temas de trabalho e os conteúdos propostos pela educação patrimonial. A formação foi conduzida por esta autora, com participação de José Eduardo Abrahão, que colaborou ativamente respondendo perguntas, complementando e informações e colocando sua experiência de ter estado em campo participando da escavação do Sítio Rio Vermelho.



Foto: José Eduardo Abrahão

### **Montagem dos terrários**

O planejamento dos terrários foi feito antecipadamente e inclusive a compra da quase totalidade de materiais foi feita em São Paulo, apenas com uma complementação, no que toca à compra dos sedimentos, em Santa Luzia. A montagem, porém, foi deixada para acontecer após a fase de formação dos professores, como parte dela, com a presença deles, que aproveitaram para registrar as etapas e buscaram compreender os porquês da escolha de cada material e da ordem de sua colocação. Cabe ressaltar que preenchida com terra e outros materiais, cada caixa pode chegar a pesar em torno de 300kg, o que dificulta sua movimentação. Discutimos com os diretores das escolas a localização mais adequada para que elas já fossem montadas no local em que deveriam ficar e onde poderia acontecer a oficina com os alunos. Procuramos deixar o local da caixa forrado com lona plástica e deixamos dela o suficiente para cobrir os terrários após seu uso, numa tentativa de prolongar sua conservação e uso, em virtude dos locais serem ao ar livre.



Fotos: Manuelina Duarte



Montagem do terrário na E. E. Padre João de Santo Antônio

### **Aplicação das oficinas com alunos**

Para aplicação das oficinas de educação patrimonial tínhamos previsto quatro turnos, sendo dois em cada escola, com duas turmas em cada. Pelas razões já expostas, optamos por disponibilizar os quatro horários para a escola E. E. Padre João de Santo Antônio e atender as duas turmas divididas em dois grupos, o que mostrou ser uma decisão acertada que permitiu maior organização da atividade e oportunidade de participação mais tranquila de cada aluno,

por estarem distribuídos em grupos menores. Assim, os 20 alunos de 8ª série foram atendidos em dois grupos à tarde e os 26 alunos de 3ª série também. A escolha das turmas para aplicação da atividade acabou sendo feita pela direção e escapando de nosso objetivo inicial de trabalhar com 3ª e 4ª séries. Consideramos importante que em cada turma onde houvesse nossa intervenção todos os alunos passassem pela experiência e que não houvesse algum tipo de escolha por mérito em que a atividade de educação patrimonial aparecesse como ‘um prêmio’.

Na simulação do trabalho de campo, iniciamos com o quadriculamento da caixa que simboliza o sítio arqueológico em quadras de 0,40m. A dinâmica com os estudantes se estabeleceu com a divisão da turma em pequenas equipes, revezando-os entre as atividades, de tal forma que todos escavassem e também registrassem os dados. Trabalhando com grupos entre 10 e 13 alunos, enquanto cinco escavavam (deixamos como testemunho a quadrícula próxima ao vidro, o que resultou interessante por manter a estratigrafia evidente mesmo depois que a repetição das atividades com diversos alunos começou a misturar as tonalidades de terra) e dois ou três peneiravam, os outros pesquisavam livros de Arqueologia que tinham pinturas rupestres e escolhiam algumas para recriar a partir do seu olhar, com os lápis de cores. Aproveitamos a ocasião para falar das cores usadas nas pinturas rupestres e para chamar a atenção deles para as diferentes origens geográficas das mesmas, sugerindo atenção especial às de Minas Gerais.

Os equipamentos e ferramentas utilizados para a escavação foram de tamanho reduzido de fácil manuseio como baldes, peneiras e espátulas selecionadas especificamente para esta atividade. Em papel quadriculado um aluno fazia um pequeno croqui dos fragmentos evidenciados. Todo o material coletado foi guardado, por quadra e nível, em sacos plásticos e etiquetados para sua identificação. Outros alunos peneiraram os sedimentos com pequenas peneiras e recuperaram as sementes.

Na seqüência das atividades a última hora foi usada para simular as atividades de análise em laboratório de todo o material coletado. Com exceção das sementes, numeramos, desenhamos os fragmentos e interpretamos sua posição no sítio com os croquis elaborados. Finalmente, demonstramos com um ábaco e um paquímetro de plástico como as vasilhas são reconstituídas em laboratório, no caso da cerâmica e louça e como era lascado e utilizado o artefato, no caso do lítico.

Para estas oficinas pedimos a liberação dos alunos por um turno inteiro e com a alteração causada na programação da escola por esta necessidade tentamos aproveitar ao máximo o tempo, passando pelas atividades de escavação, coleta dos fragmentos e artefatos, registro da escavação, até a simulação do laboratório em um mesmo turno.

No caso dos alunos de 8ª série optamos por começar a ação com uma conversa em sala de aula, já com a metade da turma que iria participar naquele dia separada. Na conversa, apresentamos a cartilha, falamos do trabalho realizado em virtude da construção da LT Neves1-Mesquita e percebemos que muitos deles já tinham conhecimento de que houve a escavação de um sítio arqueológico e estavam curiosos por não saberem mais informações. Trabalhamos em alguns minutos os conteúdos propostos na cartilha como o que é patrimônio cultural, o que é arqueologia, o que é sítio arqueológico, como é o trabalho do arqueólogo e o que foi encontrado no Sítio Rio Vermelho, em Santa Luzia. No primeiro dia houve um pouco de resistência da turma neste momento, os alunos não estavam todos interessados em participar, mas se envolveram durante o processo. A divulgação boca-a-boca pareceu funcionar bem porque o segundo grupo da 8ª série já veio bem mais receptivo.



8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão 8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



8ª série dia 23-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão 8ª série dia 23-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



8ª série dia 25-09 - Foto: José Eduardo Abrahão 8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte





8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte



8ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte

Com os alunos de 3ª série optamos por ir direto para as atividades práticas, sem muita teoria antes. Chegamos a apresentar a cartilha antes da atividade, embora mais rapidamente e com as imagens da cartilha servindo de ponto de partida para uma rápida apresentação dos temas arqueologia e patrimônio cultural.

Depois de passarem por todas as etapas práticas da atividade, escavarem as quadrículas, peneirarem os sedimentos, coletarem os materiais supostamente arqueológicos, preencherem etiquetas, desenharem as quadrículas no papel quadriculado e tentarem remontar os vasos cerâmicos e objetos de louça é que fizemos uma conversa final com as crianças, para dar um fechamento à atividade. Evidentemente, com a 3ª série não chegamos a um grau de detalhamento tão grande da simulação como com a 8ª, até pelo fato de que mesmo divididos em dois grupos cada um tinha 13 alunos e na faixa etária deles, eram grupos bastante agitados, ao contrário das melhores condições que tivemos ao trabalhar com 10 alunos de 8ª série. No geral, fizemos as mesmas atividades, mas com a 8ª fomos com mais rigor a detalhes como fotografar os artefatos evidenciados na escavação com o norte e a escala, usar mais amiúde o ábaco e o paquímetro.

Mas o momento final da atividade com os dois grupos de 3ª série mostrou-se essencial, com um momento livre para eles sentarem juntos e desenharem. A proposta foi a elaboração de desenhos livres de temas relacionados com a atividade: desenhar os objetos reconstituídos parcialmente, ou um fragmento, ou ainda retomar a atividade de releitura das pinturas rupestres reproduzidas nos livros de Arqueologia (PROUS, 1992 e 2006). Surgiram desenhos bem interessantes como o aluno que imaginou o machado com a ponta de pedra e o cabo de madeira, que eles não tinham visto em imagens, e o que desenhou cinco pessoas escavando as quadrículas, representando precisamente a atividade que realizaram. Com esta parada o grupo ficou mais tranqüilo e pudemos conversar sobre o que aprenderam, explorando a noção de tempo a partir da profundidade dos objetos na estratigrafia, e a diversidade de materiais que o arqueólogo pode encontrar em campo. Na ocasião as crianças também tiveram oportunidade de falar sobre seus desenhos a apresentá-los para os colegas, inclusive ficou livre a escolha por deixar os desenhos conosco ou levar para casa.

O fechamento da atividade feito desta forma ajudou a consolidar alguns conhecimentos abordados na ação educativa e a finalizar de uma maneira que evitasse a simples dispersão.



3ª série dia 24-09 – Foto: José Eduardo Abrahão 3ª série dia 24-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



3ª série dia 24-09 - Foto: José Eduardo Abrahão 3ª série dia 24-09 - Foto: José Eduardo Abrahão



3ª série dia 24-09 - Foto: José Eduardo Abrahão 3ª série dia 24-09 - Foto: Manuelina Duarte



3ª série dia 24-09 - Foto: Manuelina Duarte



3ª série dia 24-09 - Foto: Manuelina Duarte

Tanto com a 3ª como com a 8ª série relacionamos a produção cerâmica pré-histórica com a atual e conversamos sobre os ceramistas de Santa Luzia, que eles em geral conhecem bem, sendo inclusive parentes de alguns. Na localidade da escola eles mencionaram pelo menos três artesãs, duas se chamam dona Maria e outra, dona Vagna, que é avó de um dos meninos da 8ª.

Finalmente, não deixamos de destacar no encerramento das atividades a importância dos alunos mostrarem as cartilhas em casa e conversarem sobre o que aprenderam a respeito dos sítios arqueológicos, ajudando-nos a divulgar a necessidade de, em caso de achado de material arqueológico, não removê-lo e comunicar ao IPHAN. Mostramos o telefone do IPHAN na cartilha e sugerimos aos mais velhos que entrassem em contato diretamente e às crianças que pedissem ao professor para ligar para o IPHAN em caso de informações sobre achados nas áreas rurais em que vivem, especialmente aqueles que são filhos de agricultores e que podem se deparar com material arqueológico durante a realização do seu trabalho cotidiano. Tentamos sensibilizar os alunos para, da mesma forma que eles perceberam na escavação, que o arqueólogo precisa registrar cada fragmento antes de deslocá-lo, serem eles também divulgadores e defensores do patrimônio arqueológico, disseminando a informação de não remover o material e aguardar a presença de um arqueólogo.

Da mesma forma, na formação dos professores, solicitamos parceria na divulgação destes conhecimentos e sugerimos atenção redobrada e mobilização quando da construção de outras obras nas áreas já identificadas como sítios arqueológicos, para que o IPHAN tome conhecimento da obra e realize os procedimentos para acompanhamento por arqueólogos.



3ª série dia 25-09 - Fotos: José Eduardo Abrahão





3ª série dia 25-09 - Fotos: José Eduardo Abrahão



3ª série dia 25-09 - Foto: Manuelina Duarte

3ª série dia 25-09 - Foto: José Eduardo Abrahão

### **Entrega às escolas de CDs com registros das atividades e materiais de apoio**

Após a última oficina preparamos um CD com fotos de todas as atividades e com textos de apoio. Durante a gravação alguns professores estiveram conosco aproveitando para tirar novas dúvidas sobre a metodologia de educação patrimonial aplicada e sobre os trabalhos de arqueologia realizados na região. Aproveitamos o tempo necessário para a gravação dos CDs para mais uma conversa informal com estes professores e, percebendo a aproximação dos alunos, convidamos logo para que todos viessem ver a apresentação de algumas imagens que

não haviam sido ainda apresentadas a eles como artefatos pré-históricos, pinturas rupestres, e fotografias das escavações do Sítio Rio Vermelho que não estavam no *folder* didático. O interesse foi tão grande que fizemos duas vezes, com diferentes grupos de alunos. A foto a seguir registra este momento:



Foto: José Eduardo Abrahão

### **Contatos com outras instituições e distribuição do material de divulgação**

Durante a semana de atividades procuramos diversificar os locais de distribuição dos *folders* didáticos de educação patrimonial, priorizando além das escolas escolhidas para desenvolvimento do trabalho aquelas onde os professores que participaram da formação também atuassem e as instituições culturais contactadas, como o Centro de Arqueologia Annette L. Emperaire, de Lagoa Santa, responsável pelo endosso institucional do projeto de arqueologia preventiva e o Museu Municipal e Solar da Baronesa, em Santa Luzia.

Foram distribuídos ainda para pessoas que tiveram contato ou conversas informais conosco em lojas e restaurantes, além de deixarmos algumas pequenas quantidades nos hotéis e restaurantes das redondezas.

### **Preparação de painéis expositivos**

Como etapa de finalização dos trabalhos de educação patrimonial elaboramos dois conjuntos idênticos de oito painéis a serem plotados e entregues a cada uma das duas escolas priorizadas pela EP. Estes painéis contêm além da reprodução das quatro faces cartilha, mais quatro conjuntos de imagens e textos, sendo dois sobre o sítio Rio Vermelho e dois sobre as atividades realizadas nas próprias escolas. A proposta deles painéis é viabilizar situações em

que a escola dê continuidade à ação de educação patrimonial e divulgação dos trabalhos de arqueologia inclusive para públicos extra-escolares em oportunidades como semana do município, feira de ciências e outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, 06),

“A Educação Patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

(...) pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.”

Neste sentido, consideramos que a educação patrimonial como metodologia aplicada a uma sensibilização dos indivíduos para a compreensão e apreensão crítica do mundo em que vive deva ser intensamente aplicada, até como contraponto a uma educação muito baseada em conteúdos por vezes apresentados de forma desconexa e com ênfase na linguagem escrita. Baseada nas metodologias do Reino Unido para a *Heritage Education*, a metodologia de educação patrimonial implementada no Brasil por Maria de Lourdes Parreiras Horta busca os mesmos princípios e propostas de aprendizagem a partir de objetos (DURBIN, MORRIS, WILKISON, 1993), museus (FALK, DIERKING, 2000; JONES, WILSON, 1996) e paisagens antropizadas (ENGLISH HERITAGE EDUCATION SERVICE, 1999).

Propomos aqui, entretanto, uma reflexão sobre o alcance da educação patrimonial e a possibilidade de ação baseada em perspectivas mais amplas como a da pedagogia museológica, proposta por Bruno (2006: 122):

“Trata-se de uma pedagogia direcionada para a educação da memória, a partir das referências patrimoniais que, por um lado, busca amparar do ponto de vista técnico



os procedimentos museológicos e, por outro, procura ampliar as perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento”.

Em outros momentos do texto a autora fala da “reversibilidade destes olhares” (idem: 133) e dos “questionamentos sobre as memórias abandonadas” (idem: 135). Assim, a nosso ver, aborda a possibilidade de uma negação do patrimônio pré-estabelecido, compreende que uma seleção ou preservação encetada a partir de determinados pontos de vista possa ser questionada ou não aceita, assim como as lacunas são também informações preciosas para motivar reflexões. A educação patrimonial como metodologia já parte de um patrimônio dado e pretende estabelecer laços de afeição e apropriação que, embora com uma intenção de estabelecer um olhar crítico sobre o mundo que nos cerca não abre espaço para uma possível negação do que é previamente apontado como patrimônio. Por outro lado, não coloca como norma o questionamento do que foi abandonado e das razões deste abandono, detendo-se no que foi consagrado ou deve ser valorizado.

Em suma, estamos trazendo para a discussão outros elementos de reflexão para pensar o alcance e os limites de uma ação baseada na metodologia de educação patrimonial para que percebamos que como campo do conhecimento a educação para o patrimônio (GRINSPUM, 2000) pode ir ainda mais além.

A respeito da aplicação da metodologia em si queremos registrar algumas observações sobre as oficinas em apreço, apontando pontos fortes e deficiências da nossa ação para um aperfeiçoamento futuro. Como outros aspectos do trabalho ligado à Arqueologia de contrato, a questão dos prazos exíguos gera alguns entraves para a plena consecução dos objetivos. Seria muito enriquecedor aguardar a entrega do relatório de escavação, especialmente as imagens, ainda para a elaboração da cartilha, especialmente quando a atividade de educação patrimonial é baseada na simulação de uma escavação em terrário e os educandos não têm a possibilidade de visitar a escavação do sítio, em geral já encerrada. Sempre que possível a visita ao sítio arqueológico ainda em processo de escavação e o contato com os arqueólogos será muito estimulante e didática. Na impossibilidade, é recomendável aguardar o relatório e usar nas oficinas um conjunto de fotografias ampliadas (A3) do sítio em diferentes momentos da escavação, bem como imagens do contexto arqueológico regional.

É importante em todas as etapas do trabalho se cercar de elementos de registro que possam ser usados nos relatórios como fotografias, lista de presença para os professores na formação, entre outros. Nas oficinas de Santa Luzia as crianças decidiram se desejavam levar

os desenhos consigo ou deixar conosco, alguns levaram e pudemos ter uma grande amostra dos que deixaram conosco para relatório. Aqueles que serão levados podem ser fotografados antes.

Ainda com relação ao tempo necessário para planejamento e preparação da atividade de educação patrimonial antes de ir a campo, percebemos a necessidade de um tempo bem maior para as escolas se programarem e encaixarem esta ação em seu planejamento semestral, sem o que alguns desconfortos podem ocorrer, mesmo que a oferta da atividade seja sedutora tanto para professores como para alunos, por envolver o tema da Arqueologia, por si só capaz de despertar grande curiosidade e interesse, e por suprir, como foi caso na E. E. Padre João de Santo Antônio, um desejo da direção da escola de oferecer novos estímulos aos alunos e recursos didáticos aos professores.

Para o pleno desenvolvimento das atividades é essencial que o número de alunos seja pequeno, preferencialmente de até 10 alunos por aplicação, podendo ficar cinco escavando simultaneamente e 5 em outras atividades como peneirar, desenhar as quadrículas, recolher, etiquetar e embalar os fragmentos, e ainda pesquisar e desenhar pinturas e gravuras rupestres, como fizemos em Santa Luzia. Porém, é necessário registrar a dificuldade de conciliar este número com o tamanho das turmas das escolas devido à necessidade de dividir as turmas e manter a outra parte em sala de aula. Além disso, as escolas pretendem que o máximo de alunos participem no mínimo de tempo, há uma ansiedade e não há condições de simular com tranquilidade todas as etapas do trabalho, deixando o laboratório para outro dia ou chegando até à simulação das etapas de divulgação e de ação educativa com o mesmo pequeno grupo de alunos.

### **Agradecimentos:**

Este trabalho foi feito com a colaboração essencial de Igor Pedroza, Historiador, Assistente de Elaboração do Material Didático, e de José Eduardo Abrahão, Geógrafo, Assistente de Aplicação da Metodologia de Educação Patrimonial. Agradeço ainda à Dra. Solange Caldarelli e a Eneida Malerbi as importantes observações e contribuições para a aplicação da EP e aos professores e alunos das escolas envolvidas pelo aprendizado conjunto. A responsabilidade pelas idéias aqui expressas, porém, são exclusivamente da autora.

## BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Aureli Alves. *Paulo Duarte entre sítios e trincheiras em defesa de sua dama – a Pré-História*. São Paulo: MAE/USP, 2007. (Dissertação de mestrado)
- ALMEIDA, Márcia Bezerra. *O Australopiteco corcunda: as crianças e a Arqueologia em um projeto de Arqueologia pública na escola*. São Paulo: FFLCH/USP, 2002. (Tese de Doutorado)
- BARON, Dan. *Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade*. São Paulo: Alfarrábio, 2004.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de Doutorado).
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. “Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória”. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). *As Várias Faces do Patrimônio*. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia para professores: os caminhos da educação pelo patrimônio*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1998.
- CALDARELLI, Solange B. “A Arqueologia como Profissão”. In: MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. (org.) *Anais do IX Congresso de Arqueologia Brasileira* [CD ROM], 1ª Edição [Rio de Janeiro], SAB, agosto/2000.
- CALI, Plácido. *Políticas Municipais de Gestão do Patrimônio Arqueológico*. São Paulo: MAE/USP, 2005. Tese de Doutorado.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. “Educação patrimonial em variados territórios: relato de uma experiência itinerante”. In: História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH. – São Leopoldo: Unisinos, 2007. (CD-ROM) org. por Elisabete Leal.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. “Arqueologia e Público: pesquisas e processos de musealização da arqueologia na imprensa brasileira”. In: *Revista de Arqueologia Pública*. Campinas: UNICAMP, 25 p. (inédito)
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; FORTUNA, Carlos Alexandre; POZZI, Henrique Alexandre. “A Arqueologia na Ótica Patrimonial: uma proposta para ser discutida pelos arqueólogos brasileiros”. In: Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó, nº 1. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, Dezembro/2001. p. 129-156.

- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte e NEVES, Kátia Regina Felipini. “Musealização, Arqueologia e Educação”. In: *Educación y Antropología*. [CD ROM]. [www.naya.org.ar](http://www.naya.org.ar) (org.), junho/2001.
- CHIARI, Selma Ires. *O Perfil Museo-Arqueológico do Projeto Paranapanema*. São Paulo: USP, 2001. Dissertação (Mestrado em Arqueologia).
- DELORS, Jacques. Educar para o futuro. *O Correio da Unesco*, ano 24, n.6, p.6-11. Rio de Janeiro: 1996.
- DURBIN, Gail; MORRIS, Susan; WILKINSON, Sue. *Learning from objects*. English Heritage: 1996. (A Teacher’s Guide)
- ENGLISH Heritage Education Service. *Primary History: using the evidence of the historic environment*, 1999. (A Teacher’s Guide)
- FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. *Learning from Museums*. Visitor experiences and the making of meaning. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2000.
- FIORI, Ernani Maria. *Aprender a dizer a sua palavra* (prefácio) in: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Reassessing archaeological significance: heritage of value and archaeological of renown in Brazil*. In: MERRIMAN (org.). *Public Archaeology in Brazil*. Routledge: Londres, 2004.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Archaeology and education in Brazil*. *American Antiquity*, 74, 283. Washington: The Society, 2000. p. 182-185.
- GRINSPUM, Denise. *Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e escola*. Responsabilidade compartilhada na formação de públicos. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2000. (Tese de doutorado)
- HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.
- JONES, Adrienne; WILSON, Robert (Eds.). *Using Museums*. Warwick: Channel 4 Schools, 1996. (Teacher’s Guide)

- LOPES, M. Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. 1. ed. São Paulo: HIUCITEC, 1997.
- MARTINS, Luciana Conrado. *Arqueologia de salvamento e os desafios dos processos de musealização*. São Paulo: MAE/USP, 2000. (Monografia do Curso de Especialização em Museologia)
- MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- PROUS, André. *O Brasil antes dos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da UNB, 1992.
- RENFREW, Colin e BAHN, Paul. *Arqueología: teorías, métodos y práctica*. 2ª ed. Madrid, Akal, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia. O Nascimento dos Museus Brasileiros 1870-1910. *in: História das Ciências Sociais no Brasil*. vol. 1. Edições Vértice - Editora Revista dos Tribunais Ltda.. São Paulo, 1989.
- SILVA, Abrahão Sanderson Nunes da. *Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares*. São Paulo: MAE/USP, 2008. (Dissertação de mestrado)
- TAMANINI, Elizabete. “O museu, a Arqueologia e o público: um olhar necessário”. *In: FUNARI, P. P. A.. (org.) Cultura material e Arqueologia histórica*. Campinas: IFCH- Unicamp, 1999.